VILLAS-BOAS, O PRIMEIRO E O MAIS PERSISTENTE DIVULGADOR DA MÚSICA JAZZ EM PORTUGAL

BIG BAND ALUNOS HCP

HISTÓRIAS DE JAZZ

SERÁ A TUA MÚSICA O QUE TIVER DE SER

JUST IN TIME

HOT news 9

BOLETIM INFORMATIVO OFICIAL
HOT CLUBE PORTUGAL
MAIO 2014

JAZZ

HOTCLUBPORTUGAL

2 SESSÕES ÀS 23H E 00H30
ABERTO DAS 22H ÀS 2H
FECHADO DOMINGOS E SEGUNDAS
PRAÇA DA ALEGRIA, 48 1250-004 LISBOA
WWW.HCPPT / HCP@HCPPT

MAIONOHCP

1 /2/3 QUINTA, SEXTA E SÁBADO
Nelson Cascais Decateto
RICARDO TOSCANO sax a
FEDERICO PASCUCI sax t
PAULO GASPAR cl.bx
DIOGO DUQUE tp
LUÍS CUNHA tb
NUNO CUNHA trp
GIL GONÇALVES tub
OSCAR GRAÇA pno
NELSON CASCAIS ctb
BRUNO PEDROSO bat

8/9/10 QUINTA, SEXTA E SÁBADO
Stephan-Max Wirth Experience GER
STEPHAN- MAX WIRTH sax t; sop
JAAP BERENDS guitar
BUB BOELENS ctb
FLORIAN HOEFNAGELS bat
(Gravação ao vivo — *live recording*)

14 QUARTA
Pablo Held Trio GER/POR
PABLO HELD pno
ROBERT LANDFERMANN ctb
JONAS BURGWINKEL bat
JOSÉ PEDRO COELHO sax t
(No âmbito da 10.ª edição do Jazz in Goethe-Garten)

16/17 SEXTA E SABADO
The Michael Lauren All Stars USA/POR
HUGO ALVES tp
JOSÉ MENEZES sax t
DIOGO VIDA pno
YURI DANIEL ctb
MICHAEL LAUREN bat

15 QUINTA
Septeto de Pedro Moreira
JOÃO MOREIRA tp
LARS ARENS tb
PEDRO MOREIRA sax t
ANDRÉ FERNANDES guitar
OSCAR GRAÇA pno
BERNARDO MOREIRA ctb
ANDRÉ S. MACHADO bat
(Apresentação do CD "Viagens")

20 TERÇA
Marco Santos Band NL/POR
LAURENS HOPPE pno
RUI SILVA guitar
BORIS OUD ctb
MARCO SANTOS bat
(Apresentação do CD Marco Santos"Ode Portrait")

22/23/24 QUINTA, SEXTA E SÁBADO
Daniel Bernardes Trio + 1
DANIEL BERNARDES pno
ANTÓNIO QUINTINO ctb
JOEL SILVA bat + RAQUEL MERRELHO cello

28 QUARTA
Orquestra de Jazz do Hot Club
A MÚSICA DE CHARLES MINGUS
LUÍS CUNHA Direcção

7/21 QUARTAS-FEIRAS
ENTRADA LIVRE
Jam Session com
LUÍS CANDEIAS bat

29/30/31 QUINTA, SEXTA E SÁBADO
Desidério Lázaro "Subtractive Colors"
DESIDÉRIO LÁZARO saxs
PAULO GASPAR cl
JOÃO CAPINHA saxs
LUÍS CANDEIAS bat
JOÃO HASSELBERG ctb
MÁRIO FRANCO ctb

edit

Luiz Villas-Boas

(26 MARÇO 1924 / 10 MARÇO 1999)

Foi por causa do Luiz Villas-Boas que eu vim para o Hot.

Ele é o grande responsável por eu estar aqui hoje a escrever este editorial.
Quando me apresentei no Hot para trabalhar no espólio do Luiz, não fazia ideia como a minha vida ía mudar.
Na sala Luiz Villas-Boas, estava todo o acervo que tinha tinha sido entregue ao Hot Clube por indicação do próprio Luiz, dada antes de morrer. Algumas coisas tinham sido vistas e inventariadas mas, a grande parte, mantinha-se em sossego, protegida.
Só conhecia o seu nome das notícias. Os primeiros tempos foram a abrir caixotes de revistas, pilhas de revistas. Limpá-las, inventariá-las, lê-las.
De repente dei comigo a ler as suas agendas, os seus textos rascunhados, as suas notas na correspondência, as toalhas de mesa de papel com moradas.
E, aos poucos, comecei a sentir que o conhecia. E a perceber a luta que travou, a persistência que o caracterizava, a obsessão pela colecção de pequenos papéis, bilhetes, notas, o que permite agora reconstruir todo o seu percurso.

Nesses anos, as manhãs passavam-se a comentar pequenas descobertas com o Engenheiro Bernardo Moreira que, trabalhando na porta ao lado, partilhava deste prazer e acrescentava pormenores curiosos e histórias paralelas, a cada papel, a cada fotografia que eu lhe levava, numa excitação de novidade.

Tenho que agradecer aos dois o grande prazer e aprendizagem que foram estes anos.
E os que se seguiram.

Inês Cunha

índice

4 VILLAS-BOAS
O PRIMEIRO E O MAIS PERSISTENTE DIVULGADOR DA MÚSICA DE JAZZ EM PORTUGAL

6 VILLAS-BOAS
A VERDADEIRA PAIXÃO DE UMA VIDA – O JAZZ E O SEU HOT CLUBE

7 VILLAS-BOAS
A DRIVING FORCE

8 *MASTERCLASSES E WORKSHOPS* NA ESCOLA
UMA APOSTA NA FORMAÇÃO

9 BIG BAND ALUNOS HCP
UMA IDEIA, UM PROJECTO

10 CONCERTO POR INSTRUMENTO
CRÓNICA

11 SERÁ A TUA MÚSICA O QUE TIVER DE SER

12 HISTÓRIAS DE JAZZ EM PORTUGAL
CICLO DE CONVERSAS E CONCERTOS

14 JUST IN TIME
1.º CD DA ETIQUETA @HOTCLUBE

14 PRÉMIO COMBO HCP
12.ª FESTA DO JAZZ

15 OIÇAM LÁ ISTO

16 POST-IT
MEMÓRIAS DO HCP

HOTnews

MAIO
2014

Direcção
Inês Cunha

Colaboram neste número
Inês Cunha
Bruno Santos
Luís Hilário
António José de Barros Veloso
Bernardo Moreira
Ronan Guilfoyle
Gonçalo Marques
César Cardoso
Leandro Gonçalves
Afonso Pais
Ricardo Maia
Margarida Campelo
António Curvelo
Manuel Jorge Veloso

Design gráfico e paginação
© HOTdog

Produção
Luis Guilherme Cunha

Capa
Luiz Villas-Boas com Ella Fitzerald e Sarah Vaughan
(FOTO TALVEZ TIRADA DURANTE O FESTIVAL DE JAZZ DE KNOKKE, BÉLGICA, EM JULHO DE 1958, ONDE LVB CONHECEU ELLA FITZGERALD E SARAH VAUGHAN)

© TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

HOT CLUBE DE PORTUGAL
Bernardo Moreira
Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Inês Cunha
Presidente do Conselho Directivo
José Sousa Soares
Presidente do Conselho Fiscal

SEDE
Praça da Alegria, 48
1250-004 Lisboa
TEL 213 460 305

ESCOLA DE JAZZ LUIZ VILLAS-BOAS
Bruno Santos
Director pedagógico

MORADA
Travessa da Galé,
n.º 36, 1.º andar
1300-263 Lisboa
TEL 213 619 740
FAX 213 619 748

HotNews é o boletim informativo oficial do **Hot Clube Portugal**
www.hcp.pt / hcp@hcp.pt
www.**facebook**.com/hotclubedeportugal

INSTITUIÇAO DE UTILIDADE PUBLICA
PRÉMIO ALMADA NEGREIROS 2001
MEDALHA DE MÉRITO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA CULTURA
MEDALHA DE HONRA DA CIDADE DE LISBOA
MEDALHA DE HONRA DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES
MEMBRO FUNDADOR DA INTERNATIONAL ASSOCIATION OF SCHOOLS OF JAZZ

VILLAS--BOAS

O PRIMEIRO E O MAIS PERSISTENTE DIVULGADOR DA MÚSICA DE JAZZ EM PORTUGAL

Nos fins dos anos 1950, durante uma viagem pela Europa, em todos os clubes de jazz por onde passei, os músicos exclamavam quando lhes revelava que era português: "Portugal? Oh yes, Villas-Boas!".

António José de Barros Veloso in *Notas de Jazz 22 Semínimas*

LUIZ VILLAS-BOAS CONQUISTOU UM LUGAR merecido na história por ter sido o primeiro e o mais persistente divulgador da música de jazz em Portugal. Mas, quem era e como era Villas-Boas? Tendo sido seu amigo e seu médico durante várias décadas, gostaria de deixar aqui um curto testemunho que não é mais do que um retrato captado *à la minute*.

Villas-Boas nasceu em Lisboa em 1924. Era um alfacinha de gema que conhecia, como ninguém, a cidade e as pessoas que nela viviam. Tal como muitos jovens burgueses da época, tentou licenciar-se e, ao mesmo tempo, aprender música. Não conseguiu nem uma coisa nem outra, apesar de, durante toda a vida, invocar os estudos musicais que fizera num piano vertical muito velho que conservou em sua casa até morrer. Sem curso universitário, acabou por arranjar emprego numa das companhias aéreas que então despontavam, a KLM, e isso permitiu-lhe duas coisas importantes: dominar o inglês e viajar por todo o mundo.

Villas-Boas estava longe de ser um teórico musical, não possuía grandes capacidades oratórias, nem particular habilidade para a escrita. Mas superava tudo isso com um conjunto de características raras, difíceis de definir: carisma, charme, intuição, sentido gregário, instinto de líder.

A sua relação com o público dos Festivais, que o recebia sempre com uma assobiadela monumental mas que tinha por ele uma enorme ternura e admiração, é um dos casos mais curiosos da história do espectáculo.

Villas-Boas sentia uma enorme vontade de partilhar com os outros a música pela qual se apaixonara na adolescência. Reuniu amigos — os irmãos Sangareau, os Mayer, o Gérard Castello Lopes — fez contactos, escreveu artigos e fundou um dos primeiros *hot-clubs* da Europa.

Durante décadas manteve na sua órbita sucessivas gerações de jovens que lhe pediam ajuda e conselhos, como é o caso de Rão Kyao, Mário Laginha, Laurent Filipe, Maria Viana, Maria João mas, também, Fernando Tordo, Paulo de Carvalho, Carlos do Carmo, entre muitos outros.

Influenciado pela cultura americana e por tudo o que era moderno — por exemplo, vestia num estilo *sportswear* quando todos nós andávamos ainda de fatinho e gravata — soube utilizar muito cedo, e com mestria, a rádio e, mais tarde, a televisão, na divulgação do jazz.

Sociável e com um enorme sentido de humor, era apreciador da boa mesa e companheiro insubstituível de tertúlias e jantares de amigos. Por onde passava deixava sempre a sua marca. Lembro-me, por exemplo, que nos fins dos anos 1950, durante uma viagem pela Europa, em todos os clubes de jazz por onde passei os músicos exclamavam quando lhes revelava que era português: "Portugal? Oh yes, Villas-Boas!".

A última vez que o vi, atingido pela doença, estava longe de tudo e de todos. Olhou para mim sem me ver, com o olhar já fixo no infinito. Prometi então a mim mesmo nunca mais o visitar, para poder conservar intacta a verdadeira imagem daquela personagem tão invulgar.

LUIZ VILLAS-BOAS, MILITAR, 1945 (?)

A VERDADEIRA PAIXÃO DE UMA VIDA – O JAZZ E O SEU HOT CLUBE

Nos quinze anos da morte de Luiz Villas-Boas

MANUEL PINTO BARBOSA,
PEDRO MOREIRA E LUIZ VILLAS-BOAS
COIMBRA, 1998

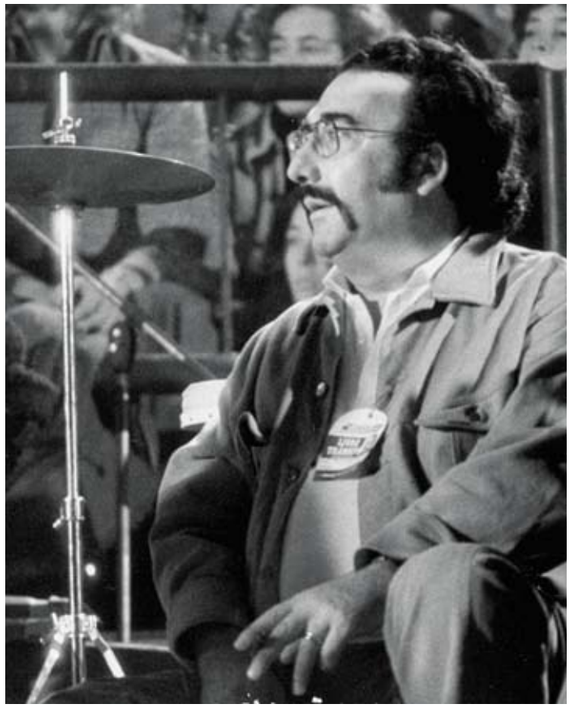
Acompanhei com grande proximidade os últimos anos da sua vida. Assisti de muito perto à evolução da sua doença.
Tive-o como Presidente da Assembleia Geral até ao momento em que já não foi capaz de assinar a acta.
Pude assim confirmar a verdadeira paixão de uma vida – O Jazz e o seu Hot Clube.
Já perto do fim, mas ainda com um discurso coerente, lembro-me de ele me ter dito: "Quero estar presente quando algum grupo do Hot for tocar seja aonde for, quero ir também.".
E assim foi algumas vezes.
Um dia vamos tocar a Coimbra, com a "Big Villas-Band"(Big Band de sócios, assim baptizada pelo seu sax barítono Embaixador Paulo Ennes) e o Luiz, tal como vinha fazendo, foi connosco. Em Coimbra tirou a última fotografia da sua vida no Jazz, com o Prof. Manuel Pinto Barbosa, sax tenor do grupo e Pedro Moreira, o seu band *leader*. Ao rever agora essa imagem, é já visível a evolução da doença.

No regresso a Lisboa, cerca das três horas da madrugada, disse ao motorista do autocarro para passar na Av. Rio de Janeiro para deixar o Luiz em casa.
Tive um choque tremendo que não me largou até hoje. O Luiz não sabia em que casa morava, mas enquanto no passeio eu lhe abria a porta, disse-me ainda " Quando é a próxima saída?".
Até ao último instante foi fiel à sua paixão.

Recordo-o com muita saudade.

Bernardo Moreira (Engº)
ABRIL 2014

LUIZ VILLAS-BOAS E MARIO SIMIES EM FRENTE
AO CARTAZ DE LIONEL HAMPTON, LILLE,
28 FEVEREIRO 1950



LUIZ VILLAS-BOAS DURANTE O CASCAIS JAZZ,
DÉCADA 1970
FOTO NÃO CATALOGADA.

A DRIVING FORCE

So he was clearly someone with a broad taste in jazz and with a love for the music as a whole, not just one part of it.

I first played in the Hot Clube in 1984, thirty years ago this year.
I was there with an Irish group lead by Tommy Halferty, and even before I came I'd heard, through Tommy, about Luiz Villas-Boas.
He was larger than life character, both in reputation and in real life.

During that week he came to the club a couple of times, and I was introduced to him, and he definitely lived up to his reputation! He was warm, friendly and interested in what we were doing musically — which surprised me, since he'd had such an amazing life in music, and met and worked with so many legends of jazz, I really didn't think he would be terribly interested in a band from Ireland. But he was, and I got the sense of someone who lived for this music, who had devoted his life to it, and who was endlessly enthusiastic about it.

I remember him telling me that he'd just seen Miles Davis' band with John Scofield, and how great Scofield had been. So he was clearly someone with a broad taste in jazz and with a love for the music as a whole, not just one part of it.

I met him several times after that and he was always the same, friendly, entertaining and showing his boundless love for jazz.

Coming from Ireland — like Portugal, a small country on the edge of Europe, not at the centre of the jazz world — I really envied Portugal in having a driving force like Luiz Villas-Boas, I wish we'd had a similar figure in my own country. He did a amazing things for jazz in Portugal and the country should be both proud of, and grateful to him.

Ronan Guilfoyle MARCH 30, 2014
Acoustic Bass Guitarist, Educator, Composer
and the Newpark Music Centre Jazz Director (Dublin)

MASTER--CLASSES NA ESCOLA

por **Bruno Santos**

As masterclasses são abertas a alunos, sócios e anónimos. Precisamos de casa cheia para continuar a acreditar que vale a pena!

NOS ÚLTIMOS ANOS TEMOS FEITO UM GRANDE esforço para organizar *masterclasses* com músicos que por cá passam e, por essa razão, só pontualmente poderem estar disponíveis para se apresentarem na Escola.

É um investimento da direcção garantir que os alunos tenham acesso a experiências com músicos, de formação e instrumentos variados.

Nos últimos 2 anos, além das acções externas com estágios regulares com a Gerajazz (Orquestra Geração), temos recebido nomes como: Albert Sanz, David Doruzka, Ernesto Jodos, Ohad Talmor, Albert Bover, Julian Arguelles, Guillermo Klein, Romain Pilon, Perico Sambeat, Andy Sheppard, John Ellis, Seamus Blake, Marc Miralta, Ronan Guilfoyle, Rory Stuart. Citando só alguns.

Receber músicos desta categoria é uma mais valia, possível também pelo facto de grande parte destes músicos tocarem no Clube e reconhecerem o Hot Clube como uma grande instituição, de dinamização e divulgação do jazz.

A aposta é para continuar. As *masterclasses* são abertas a alunos, sócios e anónimos. Aproveitem e ajudem-nos a justificar o esforço, porque não é fácil trazer tantos músicos de qualidade à escola. Precisamos de casa cheia para continuar a acreditar que vale a pena!

WORK-SHOPS DE VERÃO

por **Gonçalo Marques**

30 JUNHO > 4 JULHO
Júnior Jazz Days (6 aos 10 anos)
Workshop de Voz
Workshop de Guitarra

ESTE SERÁ O 4.º ANO CONSECUTIVO em que se realizam os *workshops* de Verão da Escola do Hot. Têm a duração de uma semana, realizam-se durante o período de férias e reflectem o esforço que a escola tem feito em oferecer formação na área do Jazz, para diversos públicos. Passaram pelo Hot, ao longo destes últimos 3 anos, muitos músicos em fases distintas da sua formação, e tem sido motivador assistir aos concertos finais dos *workshops* e constatar a satisfação geral dos participantes. Efectivamente, alguns ficam tão interessados que acabam mesmo por se inscrever na escola.

Um dos *workshops* que temos realizado é o "Júnior Jazz Days", um *workshop* de iniciação à música através do Jazz. É dedicado aos mais novos (crianças dos 6 aos 10 anos), e a ideia é ter todos os dias um músico de Jazz convidado que apresente um instrumento e permita aos participantes uma primeira abordagem a esse instrumento. Paralelamente, constroiem-se instrumentos musicais, improvisam-se jogos sonoros, enfim, há todo um conjunto de actividades variadas durante essa semana. O *workshop* realiza-se da parte da manhã e tem como responsável, o percussionista e pedagogo, Jorge Oliveira.

Dada a quantidade de alunos de voz da escola do Hot temos também proposto *workshops* dedicados a esse instrumento. Em 2012 tivemos como professora a Sara Serpa, em 2013 a Mariana Norton e, este ano, convidámos a Rita Maria, uma cantora que fez os seus estudos na ESMAE e na Berklee, e que tem colaborado nos últimos tempos com a Orquestra de Jazz do Hot.

Este ano, também, propomos um outro *workshop* direccionado aos guitarristas, visto ser um dos instrumentos mais populares da escola. Durante cinco dias contaremos com a presença de cinco dos mais destacados guitarristas de Jazz nacionais. Os alunos terão pois confrontos com múltiplas perspectivas e diferentes abordagens deste instrumento no Jazz.

Resta acrescentar que todos os *workshops* realizar-se-ão na escola, durante a manhã, na semana de 30 de Junho a 4 de Julho (segunda--feira a sábado). Estejam atentos ao programa e à abertura das inscrições.

Graças ao grande número de instrumentistas de sopro que neste momento a escola tem, foi possível tornar este projecto uma realidade.

BIG BAND ALUNOS HCP

por **César Cardoso**

A *BIG BAND* DOS ALUNOS DA ESCOLA DO HOT Clube de Portugal esteve inactiva durante alguns anos e, em 2014, surgiu a ideia de a retomar por parte do aluno José Andrade que me falou da sua vontade em tocar neste tipo de formação. Prontamente falou com os restantes alunos a fim de conseguir um número mínimo de participantes para que a *big band* pudesse funcionar.

Graças ao grande número de instrumentistas de sopro que neste momento a escola tem, foi possível tornar este projecto uma realidade. Penso que é muito bom para os alunos terem a oportunidade de tocar neste tipo de formação, em que têm um papel/função diferente do que acontece na disciplina de combo. Aqui, desenvolvem um trabalho mais acentuado no campo da leitura e do solfejo, no conceito de *naipe* e na linguagem do jazz neste contexto musical.

A *Big Band* dos alunos tem funcionado regularmente todas as segundas-feiras, das 21h às 23h. Estou satisfeito pela maneira como as coisas estão a correr e pelo desenvolvimento e evolução que tem havido por parte de todos os alunos que a compõem.
Sem dúvida que é uma disciplina importantíssima, fundamental em qualquer escola de Jazz.

Big Band do HCP

VOZ Liliana Fartaria / Inês Pimenta
SAXOFONES Ruben Silva / Leandro Gonçalves / José Andrade / José Zambujo / Tiago Fernandes
TROMPETES Dylan Morais / Luís Cunha / Frederico Nolasco / João Leite / Francisco Matos / Miguel Costa
TROMBONES Afonso Gageiro / Isalsino Sousa / Rui Correia
VIBRAFONE Gonçalo Campos
GUITARRA Ricardo Maia / João Rodrigues
PIANO Elvira Faro / Sara Vicente
BAIXO Milton Crespo / Luís Santos
BATERIA Miguel Crespo / João Guerra

A IDEIA DE FORMAR UMA *BIG BAND* DE alunos começou no meu primeiro ano do hot (em 2012) de uma forma que nada previa que chegasse a este ponto. Eu e o meu colega de saxofone, José Andrade, começámos a chatear o César para fazermos um ensemble de saxofones — tal nunca foi possível visto sermos só 4 e todos tocarmos saxofone alto.
No início deste ano lectivo voltámos a chatear o César, e obtivemos a mesma resposta! Eu e o Zé ficámos um pouco chateados porque queríamos fazer algo do género, com vários sopros e, por aí fora. Andavámos pelos corredores do hot a pensar, quando reparámos numas fotografias (que já lá deviam estar há muito tempo) da antiga *big band* de alunos do hot.
Fez-se-nos luz! Fomos logo falar com o César que, por sua vez, falou com o Bruno Santos. Foi-nos dada uma condição: *o projecto irá para a frente se nos apresentarem uma lista com um número considerável de interessados*.

Aí veio a nossa (mais do Zé do que minha) campanha agressiva de angariação de músicos! Andámos com uma folha de papel e uma caneta a falar e a tirar os contactos de possíveis candidatos, tudo o que andasse pelos corredores nós convocávamos para a *big band*. Acho que até chegámos a tentar colocar o grande Fernando, da secretaria, a tocar um intrumento, mas não foi necessário. A adesão foi maior do que o esperado, até foi necessário fazer audições e, uma posterior selecção de canditatos.

Estou muito satisfeito com a nossa persistência, o projecto está a correr para além das nossas expectativas. Para o futuro espero que possamos apresentarmo-nos em concerto para manter a motivação em alta e a malta se dedicar o máximo possível em todos os ensaios.

Por fim, uma palavra de apreço ao grande César Cardoso que tem tido uma paciência e uns ouvidos de santo... é que a malta ainda tem tendência a tocar quando é para parar e, a parar quando é para tocar!

Leandro Gonçalves
Aluno da Escola de Jazz Luiz Villas-Boas

CONCERTO POR INSTRU-MENTO

CRÓNICA POR CON-CERTO

Continuamos a trabalhar para melhorar a nossa Escola, apetrechá-la com os melhores meios possíveis, ultrapassando as dificuldades que se apresentam. O projecto* Concerto por Instrumento *é o fruto desse trabalho.

© Sofia Lima

DESDE TOCAR EM DUO, ATÉ TOCAR EM septeto. Tocar para mais de 1500 pessoas ou sómente para o único empregado de serviço, ao Bar do Hotel Fontana. Tocar num palco com técnicos de som rigorosos ou tocar numa estação de metro, onde mal se ouvem os instrumentos. Ensaiar duas semanas para o concerto, ou ir sem ensaiar e combinar os temas no dia anterior. É este o espectro de experiências e memórias que associo à minha contribuição, até à data, para o projecto Concerto por Instrumento, da nossa Escola.

Existem algumas competências que as aulas de combo não são capazes, por si só, de incutir nos alunos. Torna-se, por isso, vital para o nosso desenvolvimento podermos dar estes concertos.
Há que aprender a lidar com o nervosismo de tocar para um público e, ao mesmo tempo, saber que "a música não pode parar!", mesmo que hajam falhas.

Lidar com os imprevistos que acontecem e, adaptarmo-nos, improvisando uma solução. Todas as pequenas *nuances* que fogem ao que podemos estudar em casa ou nas aulas, são oportunidades de aprender, tornando-nos melhores músicos, cada vez mais *todo-o-terreno* e, consequentemente, mais profissionais.

Têm, também, proporcionado experiências e aventuras quer musicais, quer logísticas. (Alguém dizer "Vá, agora é *free*! Começamos em Lá bemol Lídio e depois logo se vê onde é que isto vai parar". Ou, estar a tocar num corredor, e transformarmo-nos literalmente numa pista de obstáculos, obrigar as pessoas a fazerem gincana entre os instrumentistas, os amplificadores e os instrumentos, tentando não tropeçar nos cabos, enquanto pediam desculpa a cada passo que davam.)

Os Concertos por Instrumento são as melhores "aulas" que um aspirante a músico de jazz poder ter.
É um ciclo viciosamente positivo. Nós melhoramos enquanto músicos e a escola melhora, a pouco e pouco, com a ajuda de todos.

Ricardo Maia

ENTIDADES QUE APOIAM ESTE EVENTO

SERÁ A TUA MÚSICA O QUE TIVER DE SER

por **Afonso Pais**

Urge pois manter um contacto estreito com o imaginário solto e errático que caracteriza a génese da espontaneidade em cada um.

TAL COMO UM FOTÓGRAFO VÊ AS QUESTÕES da vida com várias objectivas, um músico acompanha as suas luas com bandas sonoras que despontam na imaginação.
Para um músico, acompanhar o dia (e a noite) com música surge, muitas vezes, como uma inevitabilidade. Falo daquela música que desponta na ideia, involuntariamente, vinda do lugar onde a nossa imaginação tem como mote e motivação unicamente as suas próprias faculdades de criadora, e os caprichos do seu próprio entretenimento: qual criança que inventa os mundos onde os personagens que vai criando habitam, enquanto brinca sózinha. Tal como para a criança ao inventar mundos, a brincadeira ou personagens podem ser pré-existentes, a instância em que ouvimos música / músicas, interiormente, pode ser pontuada por melodias conhecidas mas sem timbre identificável (melodia branca), reproduções mais ou menos fiéis de versões de músicas inteiras que já ouvimos repetidas vezes em gravações ou, alguma memória específica de troços de um concerto a que assistimos, nas vertentes melódica, harmónica, rítmica ou qualquer combinação possível das três. E em todos os casos, podemos gostar daquilo que o nosso imaginário interior nos propõe e por vezes impõe, ou simplesmente odiar. Importante aqui é saber que a brincadeira livre da criança é essencial, pois funciona como um simulacro preparatório do mundo real, em que situações potenciais são experimentadas e testadas, a precisão e a capacidade de antevisão dessas situações é apurada e, o comportamento do "improvisador", é moldado em torno da identidade única do indivíduo que improvisa: a resposta a uma provocação, tomar o partido de outrem, identificar-se com um grupo de pessoas, ser persuasivo, evitar situações que o desagradem, saber quem e o que nos desagradou… reinterpretar ou improvisar, em linguagem musical. Para um adulto, nesta arte abstracta que a linguagem musical do improviso instrumental representa, só na inocência sempre presente na criança reside a possibilidade de, a cada novo improviso, haja um inesgotável recapitular de conhecimentos, sem que o somatório das suas directrizes vicie o voo livre da imaginação e se sobreponha a esta. Urge pois manter um contacto estreito com o imaginário solto e errático que caracteriza a génese da espontaneidade em cada um, enquanto adulto. Só assim poderemos pretender, com crescente fidelidade, nitidez e acutilância, exprimir em música as emoções. Tenho a memória de um concerto marcante do Jim Hall, nos Açores, em 2007, em que Hall tocou o *Skylark*. Ao ouvi-lo naquele momento, o impacto emocional em mim foi de tal forma marcante que, tendo estado eu quase apagado num lugar de contemplação ao longo do concerto, acabei por registar integralmente o que aconteceu ao longo da música: no dia seguinte, ao ser conduzido de volta ao aeroporto no mesmo autocarro que ele (Jim Hall), dois lugares de distância para a esquerda, relembrei sem erro o seu arranjo harmónico da última secção do tema (*Skylark*). Não fosse a carga emocional envolvida, não tenho dúvidas de que a minha melhor audição num sentido analítico não teria facultado a compreensão, em tempo real, da teia harmónica por ele tocada naquela rearmonização. Nesse momento, relembrei uma conversa decisiva com João Moreira, uns anos antes em Nova Iorque, algures em 2000, em que assisti e experimentei, nesse primeiro contacto com esta realidade, ao João a tocar um tema que nunca antes tinha tocado, como se repetidas vezes o ouvisse num gravador, quando na verdade apenas o relembrava, usando a memória e (suspeito eu), o seu elo emocional como forma de reaver a integralidade do que se propunha transpor para o instrumento. Fiquei conquistado e alerta para tal possibilidade, daquele momento em diante.
Os primeiros solos do Wes Montgomery, que aprendi em repetidas audições, muito antes de os tocar na guitarra, foram decisivos também. Desde a primeira vez em que transpus para a guitarra o que já cantava por cima do disco (*Smokin´ at the Half Note*), percebi que eram mais simples e menos elaborados na realidade do que aquilo que achei que fossem ser, quando levei a cabo a transição voz para instrumento. Nessa altura achei que era incapaz de ser literal e "neutro" nesta minha valência, a de ser conciso o suficiente para reproduzir com exatidão aquilo que era a minha impressão musical do que ouvira repetidas vezes. Só anos depois, ao conhecer Guinga, o grande violonista e compositor brasileiro, resolvi esta insegurança. Quando ele me pediu que lhe ensinasse a harmonia do *standard April in Paris*, que adora, percebi que o seu imaginário e universo musical eram de tal forma fortes e pessoais que, para ele, este *standard* já vinha na versão e arranjo Guinga, na sua leitura de mestre com voz e estilo próprios: ao expor os acordes que constituem o tema, ele antecipou-se a mim e foi tornando sua a harmonia, rapidamente e sem hesitação. Rendi-me ao seu arranjo, que para ele funcionaria como ponto mais simplificado de depuração da canção… quando para mim era um arranjo, para ele era a própria visão de um conto ao qual acrescentara um ponto, ou vários! É impossível separar o Guinga da sua leitura de uma canção. Deparei-me com a situação, talvez a mais extrema, em que a neutralidade e exatidão só significam ciência, nunca emoção, e ainda menos personalidade, no caso deste mago das harmonias. Finalmente gostaria de explicitar um receio meu, que num passado-recente me fez duvidar de novo. Será que aquilo que eu amo compor se transformará alguma vez numa composição minha que eu amo? Recentemente, João Paulo Esteves da Silva advertiu: "A música tem sempre razão". Encaro esta afirmação como uma espécie de "será a tua música o que tiver de ser", independentemente do que queiras que seja, ou o que gostarias que fosse.

Por isto digo, temos tudo a aprender e a desenvolver com as três formas essenciais de contacto com a música, complementares, e absolutamente indispensáveis: Ouvir discos, assistir a concertos, fazer sessões musicais com outros músicos. Só depois poderemos compreender o que diz Vinícius de Moraes, quando escreve: "A vida tem sempre razão".

HISTÓRIAS DE JAZZ EM PORTUGAL

CONCERTOS E CONVERSAS UM CICLO DE ANTÓNIO CURVELO E MANUEL JORGE VELOSO

CO-PRODUÇÃO
HOT CLUBE DE PORTUGAL LISBOA
CENTRO CULTURAL VILA FLOR GUIMARÃES
COM A PARTICIPAÇÃO DE 65 MÚSICOS E 11 ESCOLAS DE JAZZ

COORDENAÇÃO E SELECÇÃO DAS ESCOLAS DE JAZZ
JOÃO PEDRO BRANDÃO
BRUNO SANTOS

MEDIA PARTNER
ANTENA 2

Levámos dezenas de anos para chegar aqui.
LUIZ VILLAS-BOAS

Qualquer ouvido capaz de olhar com atenção para a cena contemporânea do jazz em Portugal compreenderá facilmente que vivemos uma oportunidade única. Oportunidade que o Ciclo Histórias de Jazz em Portugal pretende sublinhar de modo incisivo, procurando fazer justiça a este momento singular que, um pouco por todo o país, bem para lá das fronteiras do eixo Lisboa/Porto, muitos de nós vivemos dia a dia. Ou, porque de jazz se trata, noite a noite.

António Curvelo e Manuel Jorge Veloso (Nov. 2013, in Programa do Ciclo)

O HOT CLUBE NÃO PODIA DEIXAR DE responder ao desafio de participar no Ciclo "Histórias de Jazz" com redobrado entusiasmo. Reunir à volta de uma mesa músicos de várias gerações e origens para um debate sobre jazz era uma ideia irresistível.

Em Portugal fala-se pouco de música, como se a música só existisse quando é tocada. Neste ciclo procura-se ir ao fundo das questões que envolvem a criação, a divulgação e o estudo da música de Jazz tendo como centro os próprios músicos. Os seus percursos, o seu processo de criação, as suas fontes de inspiração, tão diversificadas quanto ricas em experiências e escolhas. A selecção dos músicos que o integram prendeu-se com a necessidade de o tornar o mais abrangente e representativo possível, precisamente com o objectivo final de ter como resultado um "mapa" do jazz feito em Portugal, "mapa" esse que será desenhado pelos próprios músicos. Também com música. Não só tocada pelas formações dos músicos em debate.

A preocupação de envolver as escolas que a estudam e ensinam, levou ao convite feito às principais escolas de jazz em Portugal, para integrarem este Ciclo. O cruzamento geracional está assim levado ao seu expoente máximo. "À boleia" do próprio Ciclo, combos destas escolas vão estudar, preparar, e tocar o repertório dos músicos que o integram.

Um debate assim profundo e sério, alargado e geograficamente abrangente, só pode ser um contributo para a divulgação e estudo do jazz português, e é esse o grande objectivo do Hot Clube.

Inês Cunha
(Texto retirado do Programa do Ciclo)

"GUIMARÃES" E "JAZZ" SÃO, HÁ MAIS DE 20 anos, duas palavras indissociáveis. Podemos dizer, com toda a humildade, que grande parte dos músicos que compõem este Ciclo já passou por Guimarães. Por isso, quando o António Curvelo e o Manuel Jorge Veloso decidiram criar este projeto, o Centro Cultural Vila Flor não hesitou em abraçá-lo.

Durante mais de um ano, o Ciclo "Histórias de Jazz em Portugal" será parte integrante da programação do Centro Cultural Vila Flor. Esperamos, assim, contribuir para o desígnio principal desta iniciativa: refletir o estado atual da cena do jazz português na sua dimensão, riqueza, cruzamento de gerações, diversidade estética e descentralização geográfica.

Estamos convictos que este projeto fortalece a nossa missão de divulgação do jazz, da formação de jovens músicos e da criação de novos públicos. Porque, nestes concertos e conversas, esperamos que se troquem saberes e experiências e, sobretudo, olhares sobre o momento presente do jazz e perspetivas da sua evolução futura.

José Bastos
(Texto retirado do Programa do Ciclo)

Constituída por 16 sessões, equitativamente distribuídas pela sede do Hot Clube de Portugal e pelo Centro Cultural Vila Flor, o ciclo tem periodicidade mensal, cobrindo um período de 15 meses — teve início em Janeiro 2014 e termina em Maio 2015 — com uma breve interrupção na época alta de Verão (Julho e Agosto). Cada uma das 16 sessões, de carácter público, decorre em duas noites sucessivas e com um programa duplo, constituído por quatro módulos distintos (dois por noite).

NOITE 1 **MÓDULO I** Conversa entre os dois autores do ciclo, António Curvelo (AC) e Manuel Jorge Veloso (MJV) e o *músico-pivot*.
MÓDULO II Concerto por um Combo de uma Escola de Jazz, com um repertório de composições do *músico-pivot*, podendo a sessão prosseguir em clima de *jam session*.

NOITE 2 **MÓDULO III** Conversa moderada pelos autores do ciclo e três músicos convidados, associados ao respectivo *músico-pivot*.
MÓDULO IV Concerto especial com o *músico-pivot* a quem os autores do ciclo deram Carta-branca.

CENTRO CULTURAL VILA FLOR
GUIMARÃES

7/8 MAI SESSÃO 5
7 / 21H30
Carlos Barretto
Conversa com AC e MJV / Concerto com o Combo do Conservatório de Música da Jobra, Albergaria-a-Velha (repertório de Carlos Barretto)

8 / 21H30
André Carvalho, Bruno Santos e Paulo Gil conversam com AC e MJV
Carta-branca a Carlos Barretto

10/11 SET SESSÃO 7
10 / 21H30
Maria João
Conversa com AC e MJV / Combo de jazz do Mestrado em Música, Universidade de Aveiro (repertório de Maria João)

11 / 21H30
Alexandre Frazão, João Moreira e Marta Hugon conversam com AC e MJV
Carta-branca a Maria João

4/5 NOV SESSÃO 9
4 / 21H30
André Fernandes
Conversa com AC e MJV / Concerto Combo da Academia Valentim de Carvalho, Porto (repertório de André Fernandes)

5 / 21H30
André Santos, Joel Silva e Susana Santos Silva conversam com AC e MJV
Carta-branca a André Fernandes

10/11 NOV SESSÃO 10
10 / 21H30
João Paulo Esteves da Silva
Conversa com AC e MJV / Concerto Combo do Conservatório de Música da Jobra, Albergaria-a-Velha
(repertório de João Paulo Esteves da Silva)

11 / 21H30
Bruno Pedroso, Júlio Resende e Paulo Curado conversam com AC e MJV
Carta-branca a João Paulo Esteves da Silva

7/8 JAN 15 SESSÃO 12
7 / 21H30
José Pedro Coelho
Conversa com AC e MJV / Concerto Combo da Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, ESMAE - Porto
(repertório de José Pedro Coelho)

8 / 21H30
Diogo Duque, Jeffery Davis e João Guimarães conversam com AC e MJV
Carta-branca a José Pedro Coelho

4/5 MAR 15 SESSÃO 14
4 / 21H30
Nelson Cascais
Conversa com AC e MJV / Concerto Combo do Conservatório de Música do Porto (repertório de Nelson Cascais)

5 / 21H30
Filipe Melo, Demian Cabaud e Gonçalo Marques conversam com AC e MJV
Carta-branca a Nelson Cascais

HOT CLUBE DE PORTUGAL
LISBOA

3/4 JUN SESSÃO 6
3 / 21H30
Bernardo Moreira
Conversa com AC e MJV / Concerto Combo da Escola JBJAZZ, Lisboa (repertório de Bernardo Moreira)

4 / 21H30
António Quintino, José Salgueiro e Óscar Graça conversam com AC e MJV
Carta-branca a Bernardo Moreira

7/8 OUT SESSÃO 8
7 / 21H30
Carlos Azevedo
Conversa com AC e MJV / Concerto Combo da Escola de Música e Produções Musicais, INTERARTES, Cascais (repertório de Carlos Azevedo)

8 / 21H30
Desidério Lázaro, Hugo Alves e Paulo Perfeito conversam com AC e MJV
Carta-branca a Carlos Azevedo

9/10 DEZ SESSÃO 11
9 / 21H30
Carlos Bica
Conversa com AC e MJV
Concerto Combo da Universidade Lusíada, Lisboa (repertório de Carlos Bica)

10 / 21H30
Hugo Carvalhais, João Lobo e Rodrigo Amado conversam conversam com AC e MJV
Carta-branca a Carlos Bica

3/4 FEV 15 SESSÃO 13
3 / 21H30
Gonçalo Moreira
Conversa com AC e MJV
Concerto Combo da Escola JBJAZZ, Lisboa (repertório de Gonçalo Moreira)

4 / 21H30
João Hasselberg, Nuno Ferreira e Pedro Guedes conversam com AC e MJV
Carta-branca a Gonçalo Moreira

7/8 ABR 15 SESSÃO 15
7 / 21H30
André Sousa Machado
Conversa com AC e MJV
Concerto Combo da Escola de Jazz do Barreiro (repertório de André Sousa Machado)

8 / 21H30
Luís Candeias, Mário Franco e Tomás Pimentel conversam com AC e MJV
Carta-branca a André Sousa Machado

5/6 MAI 15 SESSÃO 16
5 / 21H30
Pedro Moreira
Conversa com AC e MJV / Concerto Combo da Escola de Jazz Luíz Villas-Boas, Lisboa (repertório de Pedro Moreira)

6 / 21H30
Afonso Pais, António José Barros Veloso e Ricardo Toscano conversam com AC e MJV
Carta-branca a Pedro Moreira

PREÇOS
ENTRADA LIVRE (1° DIA) / 5€ (2° DIA) Desconto 50% para Sócios do Hot Clube de Portugal e portadores do Cartão Quadrilátero Cultural
Distribuição de Folha de Sala complementar em todas as sessões. Programa sujeito a alterações. Maiores de 12 anos.

JUST IN TIME
@ HOTCLUBE

PAULA OLIVEIRA VOZ
TÓZÉ VELOSO PIANO
BINAU" MOREIRA CONTRABAIXO
MANUEL JORGE VELOSO BATERIA
[+ CONVIDADOS]

© Ilustração de Mariana Viana

AS COISAS SÓ ACONTECEM QUANDO TÊM QUE ACONTECER.
A etiqueta discográfica do Hot não é uma ideia nova, mas só podia ter acontecido agora. Quando a Paula Oliveira nos abordou com a ideia deste disco pareceu-nos ser óbvio que ele tinha que ter a chancela do Hot.

E aqui está. Um projecto feliz, cheio de energia e carregado de história. Da sua própria — de um ano de encontros e música a crescer — e da do Hot. Integra músicos de todas as gerações e influências mas que partilham uma linguagem musical de raiz comum. E que embora se encontrem "por aí", nunca tinham tocado juntos. E o resultado, a música e as imagens do documentário que integra o projecto, (que começou por ser um "mero" registo deste encontro e acabou por ganhar vida própria), é grande.

Não planeámos ainda as próximas edições da etiqueta discográfica. Há muitas gravações de concertos espantosos no Clube. A ideia é essa, registar a música que acontece no Clube, ao vivo, e levá-la a outras partes. Mas vamos deixar este disco "respirar", dar-lhe tempo.
Quando tiver que acontecer sairá o próximo.

Inês Cunha

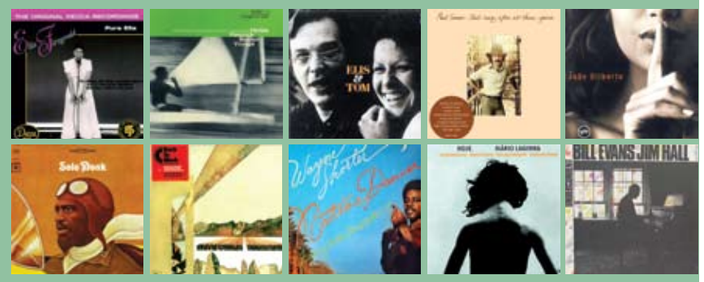
Nota: O CD estará à venda na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas e no Hot Clube.

PRÉMIO COMBO HCP
12.ª FESTA DO JAZZ

O COMBO QUE REPRESENTOU A ESCOLA DE Jazz Luiz Villas-Boas no Concurso das Escolas de Música, na 12.ª Festa do Jazz, no passado dia 5 de Abril, no São Luiz Teatro Municipal (Jardim de Inverno), constituído pelos alunos Liliana Fartaria (voz), Adriano Pereira (clarinete), Diana Cangueiro (piano), Ricardo Maia (guitarra), Tiago Martins (contrabaixo) e Miguel Crespo (bateria), venceu o prémio melhor combo das escolas de música (não superiores).
A juntar a este prémio colectivo, a aluna Liliana recebeu, ainda, uma menção honrosa como instrumentista.
O júri de avaliação dos combos desta 12.ª edição era constituído por Paulo Barbosa, Carlos Barretto e Leonel Santos.

A todos os elementos e ao professor César Cardoso, PARABÉNS pelos prémios e excelente representação do HCP. Obrigado, também, a todos aqueles que estiveram presentes a apoiar a Escola.

OIÇAM LÁ ISTO
AS ESCOLHAS DE...



Margarida Campelo

Esta lista contém 10 discos (de uma lista interminável) que me inspiraram e mudaram a minha forma de pensar, ouvir e fazer música.

PURE ELLA Ella Fitzgerald, Decca 1950/1954
Ella Fitzgerald (voz), Ellis Larkins (pno)
Para mim, Ella Fitzgerald é a rainha dos *standards*. Cantou-os quase todos, e todos tão bem... Era mestre das melodias: além de incrivelmente afinada, a sua abordagem era sempre muito fiel ao original e os floreados que fazia, requintados e nunca gratuitos. *Pure Ella* junta os dois discos deste duo (*Ella Sings Gerswhin* e *Songs In A Mellow Mood*) e é um conjunto de belas canções, aqui sem grandes arranjos nem solos, mas incrivelmente interpretadas pelos dois, num ambiente tranquilo e intimista. O título não engana: é Ella no seu estado mais puro.

UNDERCURRENT Bill Evans & Jim Hall, United Artits, 1962
Bill Evans (pno), Jim Hall (gtr)
Foi o primeiro duo de piano e guitarra que ouvi e, até hoje, o que mais me marcou. A meu ver, compreendem a música da mesma maneira e, a naturalidade com que este diálogo acontece, é algo que me impressiona muito. O repertório é maioritariamente *standards* e a abertura do disco é imediatamente surpreendente com uma versão de *My Funny Valentine* bastante mais rápida que o habitual. A clareza do discurso destes dois músicos é notável e a cumplicidade foi tal que, quatro anos depois, se juntaram outra vez para gravar um segundo álbum, *Intermodulation*, que também recomendo vivamente.

SOLO MONK Thelonious Monk (pno), 1964
Thelonious Monk era um músico fascinante e um pianista fora de série. A sua técnica era aparentemente pouco ortodoxa, mas ele fazia o que queria, à maneira dele, e soava como ninguém. Neste disco mistura *standards* e originais (que hoje em dia são também para nós *standards*) e a liberdade com que os reinventa foi, para mim, muito contagiante porque mudou a minha maneira de ouvir, pensar e tocar. Temas bonitos, reharmonizações incríveis, bons solos. A ouvir.

MAIDEN VOYAGE Herbie Hancock, 1965
Herbie Hancock (pno), Freddie Hubbard (trp), George Coleman (sax tenor), Ron Carter (ctbx), Tony Williams (bat)
Esta secção rítmica gravou muitos discos lendários nesta fase e este é, sem dúvida, um deles. Ao trio base, juntam-se George Coleman (com quem tocavam regularmente na banda de Miles Davis) e Freddie Hubbard, em grande forma. As composições são todas de Herbie Hancock e foram *Maiden Voyage* e *Dolphin Dance* que me fizeram apaixonar por este disco. Mas todo ele é incrível, aprendi imenso sobre acompanhamento e interacção e os solos são de tal forma inspirados, que muita gente os sabe de cor e quase passaram a fazer parte dos temas.

INNERVISIONS Stevie Wonder, Tamla/Motown, 1973
Este é o décimo-sexto álbum da carreira de Stevie Wonder, tinha ele ainda 23 anos! Compôs, arranjou, produziu estas nove incríveis canções e, como se não bastasse, tocou quase todos os instrumentos. As letras passam mensagens, algo satíricas, sobre problemas sociais da altura que, na verdade, não podiam estar mais actuais. Algumas destas harmonias e arranjos são bastante complexos e a instrumentação não é a mais convencional. O mais incrível é que Stevie Wonder consegue "camuflar" e transformar todos estes componentes numa linguagem universal e acessível a toda a gente.

ELIS&TOM A. Carlos Jobim e Elis Regina, Polygram, 1974
Antonio Carlos Jobim (pno/voz/violão/arranjo #4), Elis Regina (voz), César Camargo Mariano (arranjos/teclado/pno), Hélio Delmiro (gtr/violão), Óscar Castro-Neves (violão), Luizão Maia (bxo), Paulo Braga (bat
Elis e Tom, que mais a dizer? Estes dois músicos marcaram-me muito e decidi escolher um disco que os juntasse e que, por acaso, é para mim um dos melhores discos de Bossa Nova. O repertório é inteiramente do Jobim e, algumas destas canções, são das mais famosas do seu cancioneiro. Os arranjos de César Camargo Mariano dão-lhes uma cor diferente e, alguns deles, acabaram mesmo por ficar para a história (como *Águas de Março*). As versões das baladas são até bastante "clássicas", algumas só piano e voz, outras com arranjos de cordas. Mas os temas mais mexidos, para além de um enorme *groove*, têm uma sonoridade eléctrica pouco habitual nestas canções, mas muito típica da banda de Elis, nessa altura. O resultado é bom e deveras aconselhável!

NATIVE DANCER Wayne Shorter, 1974
Wayne Shorter (sax soprano/tenor), Milton Nascimento (gtr/voz), David Amaro (gtr), JayGraydon (gtr), Herbie Hancock (pno/teclados), Wagner Tiso (pno/órgão), Dave McDaniel (bxo), Roberto Silva (bat), Airto Moreira (perc)
Apesar de já conhecer Wayne Shorter e Milton Nascimento, foi a partir deste disco que descobri (e me apaixonei) pelas composições destes músicos. Todas as faixas são incrivelmente bonitas e, embora de "mundos" diferentes, conjugam-se na perfeição. A banda, metade americana, metade brasileira, é de alta qualidade, com destaque para Herbie Hancock, um dos grandes protagonistas deste disco. Fascinou-me também a sonoridade (pelo uso de teclados/órgão, várias guitarras e percussão) e a generosidade musical desta parceria.

STILL CRAZY AFTER ALL THESE YEARS
Paul Simon, Columbia, 1975
Paul Simon é, para mim, um melhores escritores de canções de sempre e, este disco, reúne muitas das minhas preferidas. Fiquei contente quando descobri que músicos como Bill Evans ou Brad Melhdau partilham desta minha opinião por terem feito versões de algumas das canções! São verdadeiramente inspiradas, desde as letras às melodias/harmonias e uma gigante produção onde participam mais de 30 músicos (entre eles Steve Gadd, Phill Woods, Michael Brecker).

HOJE Mário Laginha, 1994
Mário Laginha (pno), Sérgio Pelágio (gtr), Julian Argüelles (sax soprano/tenor), Bernardo Moreira (ctbx), Alexandre Frazão (bat)
Foi dos primeiros discos de Jazz português que ouvi e continua a ser um dos meus preferidos. Mário Laginha, para além de um super pianista, neste disco revelou-se um grande compositor e bom líder, juntando uma banda de luxo para o seu primeiro trabalho em nome próprio. São sete bonitas composições, das quais destaco *Várias Danças*, *Terceiro Dia* (também conhecido como *Walking*), *Pnohm Penn* e a famosa *Despedida*, todas elas muito bem executadas e com solos bastante inspirados. Quando ouvi este cd pela primeira vez já conhecia pessoalmente alguns destes músicos incríveis e motivou-me muito a ideia de poder estudar, conviver e aprender com eles.

JOÃO VOZ E VIOLÃO, João Gilberto (voz/violão), Universal 2000
Aos 69 anos, e após 9 anos sem gravar, João Gilberto decide voltar aos estúdios para fazer o seu último álbum (até à data): *João, Voz e Violão*. Sempre me fascinou ouvi-lo a solo, a maneira como faz tanto (e tão bem) com "tão pouco", toda a riqueza rítmica e harmónica presente no estilo inconfundível que criou e que marcou tanta gente. Neste disco, produzido por Caetano Veloso, reúne dez clássicos da música brasileira e reinventa-os com a subtileza e sofisticação a que nos habituou. Para além dos famosos *Desafinado* e *Chega de Saudade*, o repertório contém também lindas canções como *Você Vai Ver*, também de Tom Jobim, *Desde que o Samba é Samba*, de Caetano Veloso e *Segredo*, a minha preferida do álbum, de Herivelto Martins e Marino Pinto.

POST-IT

MEMÓRIAS DO HCP

Por **Inês Cunha**

As agendas pessoais são naturalmente um espelho da personalidade dos seus donos. Há quem não escreva quase nada nelas, ou as use apenas como forma de se organizar. Há quem não use agenda.

O Luiz Villas-Boas usava-as quase como um diário. Por isso são tão fascinantes. Sinto-me um bocadinho a invadir a sua privacidade quando as estudo, pois muitas das informações que registava são do foro pessoal.

Esta página tem, no entanto, um dos acontecimentos que marcou os primeiros tempos do Hot. Na semana de 28 de Novembro de 1955, o Sidney Bechet esteve em Portugal para um concerto promovido pelo Luiz Villas-Boas. No dia 28 fez um concerto, no dia 30 jantou no Hot e, despediu-se na quinta-feira, dia 1de Dezembro.
O Luiz, entretanto, foi ao cinema Império ver "Para sempre", fez o programa Hot Clube nº 505 no Rádio Clube Português, comeu uma *sandwich*, comprou remédios e arranjou o carro. Se algumas destas informações são pouco importantes para a história do Hot propriamente dita, são fundamentais para se conhecer a personagem que foi Luiz Villas-Boas: obsessivo, determinado, com uma organização aparentemente caótica mas com o jazz e o Hot Clube no centro da sua vida.

CÓDIGO DE REFERÊNCIA HCP-FT-53-1-F01-59
LEGENDA JANTAR COM SIDNEY BECHET NO HCP
DATA 29 -11-1955
AUTORIA AUGUSTO MAYER